

## **Barreto, “bairro operário”: trabalhadores, política e associativismo em uma comunidade operária fluminense nos anos 1940 e 1950.**

LUCIANA PUCU WOLLMANN DO AMARAL\*

Em 1º de maio de 1949, realizou-se na praça central do bairro do Barreto, na cidade de Niterói, uma “[...] apoteótica recepção ao preclaro Presidente Dutra” (*Diário do Povo*, 20/4/1949, p. 1). Compareceram na solenidade, além do então Presidente do Brasil, o Governador do Estado do Rio de Janeiro Edmundo de Macedo Soares e Silva, o prefeito de Niterói Rocha Werneck, deputados e vereadores de diferentes partidos políticos, representantes da imprensa local e de organizações assistenciais do bairro<sup>1</sup> e é claro, uma “[...] imensa massa trabalhista concentrada na opulenta Zona Norte da cidade” (*Diário do Povo*, 3/5/1949, p. 1). Além dos discursos previstos, estava incluída na agenda do evento a visita da comitiva ao restaurante do SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social), a inauguração das casas dos operários da Cia. Leopoldina Railway localizadas no município de São Gonçalo e das primeiras residências do conjunto habitacional construído pela Fundação da Casa Popular no bairro do Barreto.

Segundo o diretor do jornal *Diário do Povo*, José de Mattos, tratava-se sem dúvida, de um “[...] acontecimento marcante na vida do opulento bairro do Barreto” (*Ibid*). Entre desfiles de operários, bandas de música e pronunciamentos, Mattos observou que: “[...] A população do Barreto prestou homenagens excepcionais a S. Ex. notando-se as ruas enfeitadas com faixas com alusões carinhosas ao Chefe do Governo” (*Ibid*, p.7). Porém, uma “lamentável” “nota dissonante” (*Ibid*), acometeu o clima amistoso da cerimônia. Movidos por um “inexplicável excesso de zelo” (*Ibid*, p.1), a polícia política executou uma série de prisões no decorrer do evento em atitude que, na avaliação do diretor e redator do referido jornal, “[...] poderiam ter sido tomadas sem exageros que comprometessem até mesmo as devidas finalidades da repartição” (*Ibid*); e acrescentou:

---

\* Luciana Pucu Wollmann do Amaral é mestre em História Social do Território pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde defendeu a dissertação intitulada *Soou o apito: experiência operária e identidade de classe dos trabalhadores da Companhia Fluminense de Tecidos do Barreto – Niterói – RJ*.

<sup>1</sup> Estavam presentes na solenidade os representantes da Fundação Casa Popular e da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Leopoldina.

*Podíamos admitir mesmo que a policia fizesse recolher presos todos os cidadãos que estivessem, de um modo ou de outro, querendo provocar propaganda de descrédito contra nosso presidente, pichando paredes e distribuindo boletins sediciosos objetivando, empanar o brilho deste grande espetáculo cívico do “Dia do Trabalhador”; nunca, como infelizmente aconteceu, sem que houvesse necessidade para tanto, ir a residências de pessoas, muitas delas sobejamente pacatas, e de lá retirá-las presas, conservando-as detidas até ontem. (Ibid, p. 7)*

Dias antes, o mesmo jornal noticiou que a polícia política apreendera um “copioso material subversivo” encontrado em um “Comitê Democrático Progressista” (CDP) que funcionava em um bairro vizinho ao Barreto, o bairro da Engenhoca. Preso em flagrante, José dos Santos, “cor parda, contando 22 anos de idade, solteiro, morador à Rua Benjamim Constant” no Barreto, organizava “[...] livros, jornais, panfletos, que seriam distribuídos no dia 1º de Maio entre o operariado induzindo-o a boicotar paradas cívicas” (*Diário do Povo*, 28/4/1949, p. 1).

Tratava-se então do ano de 1949, período que foi considerado o mais repressivo do governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1950)<sup>2</sup>. A repressão estatal aos sindicatos, aos movimentos intersindicais e ao PCB, alterou substancialmente os termos que sustentavam uma postura colaboracionista dos comunistas em prol da “união nacional” nos anos de 1945 e 1946, principiando a partir de 1947, uma atuação mais incisiva do partido nas entidades sindicais existentes e principalmente, em associações profissionais dentro do local de trabalho (BUONICORE, 2000: 16-17). Quanto às células comunistas e os comitês democráticos, que foram organizados pelo PCB nos bairros a fim de aproximar a militância dos problemas e reivindicações mais imediatas da população que residia nas áreas urbanas periféricas (DUARTE, 2002: 21-28), sofreram forte desmantelamento por parte do governo, sem que isso significasse necessariamente, o total encerramento de suas atividades tal qual podemos verificar no CDP que funcionava no bairro da Engenhoca.

No bairro do Barreto, percebemos que desde pelo menos a década de 1940, existia uma forte atuação do PCB “nas bases”. Além da mobilização junto aos sindicatos - notadamente o sindicato dos trabalhadores da indústria naval que era reconhecidamente um reduto de militância comunista (PESSANHA, 1997; PESSANHA e MOREL, 1991),

---

<sup>2</sup> Segundo Marcelo Badaró Mattos, o período que se inicia em 1947 e se estende até 1950, foi um período de “repressão aberta” do governo Dutra. (MATTOS, 2002: 46-52).

o partido mantinha uma “célula” no bairro<sup>3</sup>. Segundo o militante comunista Manuel Martins, que entre os anos de 1945 e 1947 atuou como um dos coordenadores da “célula Barreto”, as células comunistas tiveram um papel fundamental para o crescimento do PCB a nível nacional, porque funcionavam “[...] não só a nível de organização operária, mas a nível de organização do povo, do bairro, né?”. Sem deixar de mencionar que as células objetivavam dentre outras coisas, a captação de votos, Manuel Martins narra detalhadamente como se dava a aproximação dos coordenadores da célula com os moradores do bairro:

*Da maneira que o povo gosta, né? Com alegria e inteligência, né? Com festas, festas populares, né? Não foi à toa que a célula do Barreto funcionava a plenos pulmões, ela dominava o Barreto (...) ela patrocinava tudo, todas as festas que terminavam sempre com leilões. Festas de todo tipo, festas literárias, festas populares... teatro também. Levávamos artistas como Jararaca e Ratinho, artistas que eram “comunas” iam às festas e nós, com isso, começamos a atrair o povo a vir para a célula, para o movimento, né? Porque a célula do Barreto foi uma célula que penetrou na vida dos moradores do Barreto. Tinha o problema da moradia, tinha o problema da rua, tinha pouca moradia, queriam também ruas, as ruas tratadas, com esgoto. (gravação de 8/6/2010)*

É claro que o ato de rememorar está sujeito à “seletividades”, “flutuações” (POLLAK, 1992) e até de “imaginação criativa”<sup>4</sup> por parte daquele que relembra. A longa história de militância de Manoel Martins, que se iniciou na juventude e permanece ativa até os dias de hoje, bem como todos os acontecimentos políticos e histórias pessoais que vivenciou em seus 88 anos de existência, certamente influenciaram a sua narrativa em torno da atuação da célula comunista que “dominava o Barreto” e “patrocinava tudo”. Porém, conforme já abalizado em alguns estudos (DUARTE, 2000; DUARTE e FONTES, 2004; FONTES, 2008), as células e comitês desempenharam um papel fundamental na mobilização da população residente em bairros periféricos. Ao trazer para o debate público as necessidades cotidianas dos moradores destes bairros, atraindo muitas vezes “pessoas que não estavam familiarizadas com este tipo de organização e reivindicação” (DUARTE, 2000: 26), as

---

<sup>3</sup> A referida célula comunista ficava na Rua General Castrioto, nº 444, no bairro do Barreto. Cf. APERJ. Divisão de Ordem Política e Social (DOPS). Setor Estados; notação 20. Folhas avulsas. P. 122-123.

<sup>4</sup> Segundo Portelli, a “rememoração imperfeita” de Filliponi, ao misturar fatos, datas, criar situações que enaltecem sua trajetória, mas que de fato, não ocorreram, revelam como “desejos há muito enterrados no inconsciente”, podem vir à tona em forma de devaneio, sobretudo quando os depoentes não se sentem (mesmo quando não explicitamente declarado), devidamente reconhecidos e recompensados. (PORTELLI, 1993: 43).

células e CDPs acabaram concedendo maior visibilidade ao partido e ampliando sua base de apoio - inclusive nas urnas<sup>5</sup>. E esta “estratégia”, é claro, não foi apenas uma exclusividade do PCB.

Mantendo forte base de apoio no Estado do Rio de Janeiro, as lideranças fluminenses do Partido Social Democrático (PSD) perceberam logo após a democratização do país, em 1945, que o bairro do Barreto apresentava possibilidades bastante profícuas para a formação de uma base eleitoral para si e para o seu partido<sup>6</sup>. À semelhança da maneira utilizada pela célula comunista de aproximação com a população local, lideranças pessedistas promoviam festas e shows musicais na praça, frequentemente seguidos de discursos políticos e inauguração de obras “populares” no bairro<sup>7</sup>. Beneficiados pelo aparato oferecido pela máquina estatal, que lhes permitiam vincular as “benesses” governamentais realizadas no bairro como sendo também suas próprias e auxiliados por “cabos eleitorais” locais como Raul Careca (banqueiro do “jogo do bicho”) Higino Lopes (dono de um ferro velho) e Célio Costa (dono do Banco Hipotecário do Barreto)<sup>8</sup>, próceres pessedistas, como Brígido Tinoco, João Batista da Costa Sobrinho - que se declaravam “crias” do Barreto, Amaral Peixoto, Edmundo de Macedo Soares, Miguel Couto Filho e Rocha Werneck - que visitavam o bairro regularmente, conseguiram estabelecer no Barreto uma forte base política e eleitoral do PSD.

---

<sup>5</sup> No pleito estadual de 19 de janeiro de 1947, compareceram às urnas 280.348 votantes (69,34% do eleitorado). Para Assembléia Legislativa, foram eleitos 24 deputados pelo PSD, 14 pela UDN, 8 e 6 pelo PCB. (CASTRO, 1995: 186).

<sup>6</sup> No arquivo do CPDOC/ RJ, localizamos um relatório de Djalma Rosa Vieira sobre o movimento das filiações dos moradores do Barreto ao PSD. (CPDOC/ FGV. PSD/ RJ/ 21.08.1945).

<sup>7</sup> Para citar alguns exemplos, identificamos a presença do então interventor do Estado do Rio de Janeiro, Amaral Peixoto na inauguração da Praça Enéas de Castro, no Barreto. (CPDOC/ FGV. Arquivo EAP. Foto 041.Jul 1944). A presença do então governador do Estado do Rio de Janeiro, Edmundo de Macedo Soares na inauguração das primeiras residências do conjunto habitacional construído pela Fundação da Casa Popular no bairro do Barreto. (*Diário do Povo*, 3/5/1949. p. 1); A presença do então governador do Estado do Rio de Janeiro, Miguel Couto Filho, na doação do Estádio Assad Abdalla ao Manufatura Atlético Clube, em 1955. (Biblioteca Nacional. Seção Periódicos. *Revista Manufatura – Revista Literária e Noticiosa de Atividades de Recreação e Assistência Social*, Abril-maio de 1969, p. 8).

<sup>8</sup> “O Higino é um mulato alto, bigodinho ralo, riso discreto, corpulento, respeitador. De acolhida suave e fala branda, têm-no na mais lata conta. O Raul, de boa estatura, claro, dentes de ouro, rosto iluminado e conversação turbulenta, dispõe do maior prestígio eleitoral do bairro, mas o Célio é quem lhes dita as diretrizes”. (TINOCO, 1990: 96).

Em menor proporção, identificamos que a União Democrática nacional (UDN) e outros partidos de expressão eleitoral menos significativa no Estado, como o Partido Socialista Brasileiro (PSB)<sup>9</sup> e o Partido Republicano Progressista (PRP), também procuraram atuar junto aos moradores/ trabalhadores do Barreto como forma de ampliar seu prestígio político e desempenho eleitoral<sup>10</sup>. Já o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que tinha como seus principais líderes locais dois antigos residentes do Barreto, Roberto Silveira e Armando Barcellos, passou exercer maior influência no bairro a partir da década de 1950, ocasião na qual o partido obteve notável crescimento em âmbito nacional e estadual (D'ARAÚJO, 1996).

Tratando-se de um adensamento populacional peculiar, que aliava trabalho e moradia, o bairro do Barreto se apresentou por muitos anos, como um espaço privilegiado para a atuação de diferentes forças políticas que passaram a se articular no cenário político fluminense no pós-1945. Conhecido como bairro “operário” da cidade de Niterói – que na ocasião era capital do Estado do Rio de Janeiro<sup>11</sup>, o bairro combinava dois elementos básicos que davam a tônica dos discursos políticos do período: a classe trabalhadora e suas demandas.

A ocupação industrial no bairro remonta fins do século XIX, quando suas chácaras e engenhos começaram a dar lugar a estabelecimentos fabris de pequeno porte, como de fósforos, saponáceos, formicidas, ladrilhos, olarias, etc. bem como firmas de grande porte como a Cia. Manufatora Fluminense (1891), a empresa Lloyd Brasileiro (1890) e a Companhia Nacional de Navegação Costeira (1891). Atraídas pelos recursos naturais disponíveis (águas pluviais, saída para o mar<sup>12</sup>), pela infra-estrutura pré-existente (estrada de ferro, porto) na região (BEAUCLAIR e HONORATO, 1997; CRUZ, 1999; FERREIRA, 1997; RODRIGUEZ, 2004), e ainda, pela crescente oferta de mão-de-obra

---

<sup>9</sup> Em 1954, Brígido Tinoco deixou a PSD e ingressou no PSB. (CASTRO, 1995: 284-289).

<sup>10</sup> Em entrevista, Evaldo Saramago Pinheiro fez referência aos “bicheiros do PSD do Barreto”, identificando assim, a grande interferência dos pessedistas no bairro. (PINHEIRO *apud* FERREIRA, 2001: 120-121). Porém, em junho de 1949, identificamos a participação dos deputados estaduais Mario Fonseca (PTB), Saramago Pinheiro (UDN), Vasconcellos Torres (PSD) e Lara Vilela (PRP) nas negociações entre empregadores e trabalhadores da Companhia Manufatora Fluminense por ocasião da greve deflagrada por estes por melhorias salariais, revelando a tentativa de políticos de diferentes partidos em construir uma base de apoio no bairro. (*Diário do Povo*. 16/6/1949. p. 1).

<sup>11</sup> Niterói foi capital da província e depois do Estado do Rio de Janeiro de 1835 a 1975, com uma breve interrupção de 1894 a 1903.

<sup>12</sup> O bairro do Barreto está localizado a oeste da Baía de Guanabara e ao norte do município de São Gonçalo.

no bairro que aumentava concomitantemente com o aparecimento de novas fábricas (FORTE, 1973), outros grandes estabelecimentos industriais, tais como os Estaleiros Hime e a Cia. de Fósforos Fiat Lux também se instalaram no bairro ainda nas primeiras décadas do séc. XX. Nos traçados urbanísticos desenvolvidos por especialistas para a capital fluminense, observamos que as suas “tendências já verificadas” como reduto fabril destinava-lhe à denominada zona industrial da cidade:

*Constata-se que nas duas cidades, os centros de atividades se encontram nas proximidades da estreita entrada da baía. As classes sociais elevadas, nas duas cidades, instalaram-se na costa, ao sul, ou nos vales e encostas de suas respectivas zonas setentrionais. As zonas industriais são paralelas, nas margens pantanosas do interior da baía, enquanto que as classes populares fixaram-se nos subúrbios da zona norte, onde se encontram igualmente os estabelecimentos industriais. (GEIGER apud AZEVEDO, 1997: 55)*

Com o aumento da população do Barreto, a questão da moradia se tornou uma questão sensível para as autoridades locais que se preocupavam com a expansão de cortiços e com a aglomeração de habitações improvisadas nas encostas dos morros. Motivadas pela oferta de terrenos e pela possibilidade de imobilização da mão-de-obra por intermédio da moradia - a exemplo de muitas outras instaladas aos moldes de “fábrica com vila operária” (LOPES, 1988), a Companhia Manufatora Fluminense e a Cia. de Fósforos Fiat Lux trataram de construir casas para seus funcionários. Estas, no entanto, estavam longe de dar conta do número de trabalhadores que procuravam fixar residência no bairro a fim de ficarem mais próximos do local de trabalho.

Assim, a partir da década de 1940, o bairro do Barreto já “[...] era um bairro de fábricas; já era um bairro operário por excelência” (BACKEHEUSER, 1994: 153) que oferecia emprego a muita gente que ali residia ou que vinha de outras cidades circunvizinhas. Gente de diferentes origens, que não tinha muita coisa em comum a não ser o baixo poder aquisitivo, a pouca instrução e a inexperiência profissional no manuseio do maquinário fabril<sup>13</sup>.

Este forte adensamento populacional na região, combinada às questões relacionadas à infra-estrutura urbana que os moradores do bairro necessitavam, tais como: questões de moradia, instalações apropriadas para coleta de esgotos, adequação

---

<sup>13</sup> Das 25 entrevistas que fizemos com ex-trabalhadores da Companhia Fluminense de Tecidos e que são/ foram moradores do Barreto, 11 nasceram em Niterói, 5 em São Gonçalo, 3 no Rio de Janeiro, 4 em municípios do interior do Estado do Rio de Janeiro e 2 nasceram em outros estados. Quanto à formação profissional, 19 dos entrevistados não frequentaram cursos regulares de formação técnica.

no recolhimento de lixo, água encanada, qualidade no sistema de transportes, construção e conservação de espaços públicos de convivência etc. atraíram para o Barreto lideranças políticas que por intermédio de “promessas” e/ou realizações de melhorias no bairro, buscavam angariar votos. Porém, consideramos insuficiente abalizar que estas demandas populares estivessem presentes nos discursos políticos deste período apenas por táticas de retórica ou caprichos discursivos de seus emissores. Afinal de contas, elas guardavam em si aspectos relacionados às reivindicações cotidianas das classes proletárias, tais como o direito à moradia e as “necessidades” mais imediatas da “vida social” dos trabalhadores que residiam em áreas urbanas.

Ancorados nas análises de Edward Palmer Thompson, estudos recentes (DUARTE, 2000; DUARTE e FONTES, 2004; FONTES, 2008; FORTES, 2001; NEGRO, 2004) apontam para como as relações entre classes populares e lideranças “carismáticas” que se multiplicaram na política brasileira a partir dos anos 30, não se encontravam unicamente pautadas na tendência “manipuladora” e “demagógica” destes sobre aqueles. Optando por fazer uso do termo *populismo* para compreender tais relações, ainda que conscientes dos reveses acadêmicos que o uso deste termo possa suscitar, estes autores procuram atentar para a *reciprocidade* nas relações entre estes diferentes atores sociais que, ainda que desiguais, envolviam-se em relações complexas. Salientando a importância das redes sociais locais para conformação destas relações, Adriano Duarte e Paulo Fontes perceberam em seus estudos de caso, como os clubes e associações locais, que configuravam lugares de sociabilidade operária e comunitária, acabaram assumindo papel determinante na inclusão de suas *pautas locais* no debate político.

No bairro do Barreto, também conseguimos identificar que os clubes e associações ocuparam lugar decisivo nas relações e negociações dos moradores/trabalhadores com políticos que iam buscar apoio local. Além dos clubes fabris, como o Clube da Fiat Lux e o Manufatura Atlético Clube existiam no Barreto clubes recreativos considerados mais “aristocráticos”<sup>14</sup>, como o Combinado Cinco de

---

<sup>14</sup> Sobre o Combinado Cinco de Julho, José de Mattos escreveu que era: “o alvi-verde, clube aristocrático de uma zona obreira”. (*Diário do Povo*, 23/1/1958, p. 8). Sobre o Humaitá, Roberto Miranda relata: “O Humaitá Atlético Clube era um clube social que foi fundado 8 de janeiro de 1933 por um grupo de figuras ilustres aqui do Barreto e sempre teve figuras de destaque da sociedade não só do bairro do Barreto, mas de todo o município de Niterói e de São Gonçalo”. (MIRANDA, Roberto. Entrevista concedida à autora. 30/8/2009).

Julho, o Humaitá e a Sociedade Carnavalesca Bandeirantes<sup>15</sup> e clubes formados a partir do futebol de várzea praticado entre os moradores do bairro e que levavam os nomes das ruas (Sá Pinto, Oliveira, Galvão, etc.). Estes locais, que serviam de reforço da autoridade patronal – no caso dos clubes fabris - e de reafirmação do prestígio de certa “elite local” - no caso dos “clubes aristocráticos” - acabavam conformando espaços privilegiados de interlocução de determinadas forças políticas com a comunidade<sup>16</sup>. Ainda que entremeados por relações de poder, a regular frequência dos trabalhadores e moradores em festividades e jogos realizados nos clubes e a vinda de líderes políticos em eventos variados nestes mesmos clubes do bairro – sejam eles fabris, “aristocráticos”, ou formados pelos moradores, acabavam forçando a inclusão das necessidades cotidianas dos trabalhadores e moradores do bairro que, ligados por *relações de reciprocidade* (THOMPSON, 1998: 68) buscavam serem atendidos em suas demandas.

No caso dos clubes que não tinham campo nem sede, ou seja, formados a partir dos moradores das ruas do bairro, estas relações ficam mais difusas e menos perceptíveis. Por mais que identifiquemos a influência de grupos políticos em sua gênese e/ou conformação, não podemos desconsiderar a espontaneidade de sua formação e na maneira que vai recebendo adeptos. Assim como os blocos de carnaval e as festas religiosas<sup>17</sup> que ocorriam nas ruas por iniciativa dos próprios moradores, é possível identificarmos nestes espaços uma influência menos incisiva de determinados agentes políticos, elite local ou donos das fábricas, ainda que estivessem a eles interligados.

---

<sup>15</sup> Criada na década de 1920, a Sociedade Carnavalesca Bandeirantes foi fundada por Raul Careca e Julio Andrade. (TINOCO, 1990:68). Segundo pesquisa realizada por Ana Paula Rangel Pereira, esta era uma associação que reunia grande parte das famílias mais abastadas do bairro (PEREIRA, 2000).

<sup>16</sup> Identificamos além da regular frequência de Roberto Silveira (sócio honorário do Manufatura Atlético Clube) em festividades no clube ou na própria fábrica, a presença Edmundo de Macedo Soares na I Olimpíada Operária Fluminense, realizada no Manufatura A. C. em 1948. (*Manufatura*. Boletim interno. Niterói: setembro de 1948); Em uma festividade no clube Humaitá em homenagem à crônica esportiva e carnavalesca, Raul Careca foi homenageado por sua “(...) expressão de trabalho e pertinência em prol do Barreto” e por ser “(...) benemérito de dezenas de entidades esportivas e recreativas”. Na ocasião, o orador acrescentou ainda a grande atuação de seu filho, o vereador João Batista da Costa Sobrinho, junto às necessidades dos moradores do bairro. (*Diário do Povo*. 18/1/1958. p. 1).

<sup>17</sup> Entre os inúmeros blocos de carnaval que surgiram no Barreto, podemos citar: “Trinta e Um”, “Tudo Sabe e Nada Diz”, “Batutas do Barreto”, “Zorro”, “Simbora”, “Copo Cheio”, “Arrasta Tudo”, “Bloco do Palito” e “Fantasmas da Meia-Noite”. Os dois últimos foram criados por trabalhadores da Cia. de Fósforos Fiat Lux e da Cia. Manufatura Fluminense de Tecidos, respectivamente.

Dentre os escassos trabalhos já realizados sobre o bairro do Barreto, destaco aqui a dissertação da historiadora Ana Paula Pereira (2000), os estudos de Leila de Oliveira Lima Araújo (2002) e Elina G. da Fonte Pessanha (1997) que sobre diferentes enfoques, lançam luz sobre alguns aspectos relacionados a este bairro que ficou conhecido como “obreiro” da cidade.. Fazendo uso das pesquisas realizadas acerca do tema, porém, seguindo uma outra direção, este trabalho tem como objetivo analisar aspectos concernentes à vida política e social dos trabalhadores/ moradores do bairro do Barreto, na segunda metade dos anos 1940 e nos anos 1950, ou seja, nos anos subseqüentes ao fim do Estado Novo. Este período, comumente chamado de “era do populismo”, foi considerado o “auge” da prosperidade econômica do bairro e também o momento de maior expressão política do mesmo no cenário político niteroiense e fluminense.

O nosso interesse pelo tema se deu a partir da finalização da dissertação de mestrado sobre os trabalhadores de uma antiga fábrica localizada no bairro do Barreto desde 1891, a Companhia Fluminense de Tecidos. Durante a elaboração do referido trabalho, intrigou-nos o quanto as questões relacionadas à fábrica, aos trabalhadores, ao lazer operário e à militância sindical encontravam-se imbricadas aos aspectos associados ao bairro, à política, à vida associativa e ao “sentimento de comunidade” de seus moradores/ trabalhadores.

É claro que ao mencionarmos a palavra *comunidade*, não temos a intenção de diluir dissensos e conflitos existentes entre seus membros. Os riscos de conceber este conceito de uma maneira positiva, homogênea ou romantizada vêm sendo debatidos por alguns historiadores sociais do trabalho (DUARTE, 2000, 2002.; FONTES, 2008; OYON, 2002; SAVAGE, 2004) que, ancorando-se importantes contribuições da historiografia e sociologia britânica e norte-americana, destacam a importância dos aspectos locais e da vida comunitária no processo de formação da classe trabalhadora.

Por mais que a condição de trabalhador e morador não seja intercambiável, mantendo cada um a sua especificidade (DUARTE, 2000), observamos que certo sentimento de comunidade era compartilhado por moradores e trabalhadores do bairro. Tecido nas fábricas, nas moradias, nos espaços de lazer e sociabilidade, nas ruas, nos espaços públicos, esta identidade local – que não era de forma alguma imutável<sup>18</sup>,

---

<sup>18</sup> Em trabalho anterior, cujo eixo temático foi como os ex-trabalhadores da Cia. Fluminense de Tecidos (ex- Cia. Manufatora de Tecidos) lidaram com o processo de esvaziamento industrial do bairro, procuramos, tendo como base os conceitos de *auto-construção* e *experiência de classe* de E. P.

possuía conexões inextrincáveis com o mundo do trabalho e justamente por isso, seus espaços acabavam configurando locais dinâmicos de inter-relação e negociação entre vida de trabalho e vida urbana.

Tratando-se de uma aglomeração urbana particular, aos moldes de muitas outras que podemos encontrar no Brasil desde os primeiros anos do séc. XX, o bairro do Barreto pode até não diferir muito do formato de outros bairros operários com as mesmas características. Porém, suas fábricas, clubes, festas, bares, trabalhadores, sindicatos, vida política, enfim, os seus vários aspectos concernentes à vida comunitária e à cultura operária, trataram de dar *conteúdo* específico às inúmeras relações que se processaram nos seus espaços. Protagonizando estas relações, encontramos empresários locais, políticos e cabos eleitorais, mas principalmente, aqueles que haviam se tornado um ator central no cenário da política nacional desde pelo menos os anos 1930 (GOMES, 2005: 23), ou seja, os trabalhadores.

A particular importância que o bairro do Barreto passou a ter para lideranças políticas a partir de 1945 demonstra também a relevância e as especificidades deste estudo. Pesquisá-lo significa se aproximar um pouco mais dos nexos e meandros da política fluminense pós-Estado Novo, bem como perceber os reflexos da política nacional em mais âmbito mais local no período que se estende até 1964.

## REFERÊNCIAS

### Fontes.

#### 1.1 Oraís.

##### Entrevistas realizadas pela autora

MARTINS, Manoel. Entrevista concedida à autora. Niterói: 8 jun. 2010.

MIRANDA, Roberto. Entrevista. Niterói: 30 ago. 2009.

#### 1.2 Acervos documentais.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)

Documentação da Divisão de Ordem Política e Social (DOPS).

#### 1.3 Impressas.

Jornais e Revistas.

Biblioteca Nacional (BN) / Seção de Periódicos

*Diário do Povo*. 20/4/1949; 30/4/1949; 3/5/1949; 8/5/1949; 18/1/1958; 13/1/1958; 23/1/1958.

---

Thompson e de *habitus* de Pierre Bourdieu, analisar como estes trabalhadores re-significaram suas identidades sociais a partir do contexto de “crise”. (AMARAL, 2010).

*Revista Manufatora – Revista Literária e Noticiosa de Atividades de Recreação e Assistência Social*. Abril-julho de 1969.

#### **1.4 Documentação Particular.**

Arquivo pessoal de Joelson Gonçalves

*Boletim Manufatora*. Niterói: setembro de 1948; outubro de 1948; maio de 1949.

#### **Bibliografia.**

AMARAL, Luciana Pucu Wollmann do. *Soou o apito: experiência operária e identidade de classe dos trabalhadores da Companhia Fluminense de Tecidos do Barreto – Niterói – RJ*. São Gonçalo: UERJ, 2010. Dissertação de mestrado.

ARAUJO, L. de O. Paisagens urbanas reveladas pelas memórias do trabalho. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona*, Vol. VI, nº 119, 2002.

AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de. *Niterói Urbano*. In: MARTINS, Ismênia de Lima e Knaus, Paulo (Org.). *Cidade Múltipla: temas de História de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 1997.

BACKEHEUSER, Everaldo. *Minha terra e minha vida: Niterói há um século*. Niterói: Niterói Livros, 1994.

BATALHA, Cláudio H. M. “Cultura Associativa no Rio de Janeiro na Primeira República”. In: BATALHA, Cláudio H. M., SILVA, Fernando Teixeira da, FORTES, Alexandre. *Culturas de classe. – identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: UNICAMP, 2004.

BEAUCLAIR, Geraldo e Cezar Honorato. “Niterói industrial”. In: MARTINS, Ismênia de Lima e Knaus, Paulo (Org.). *Cidade Múltipla: temas de História de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 1997.

BUONICORE, Augusto César. “Sindicalismo vermelho: a política sindical do PCB entre 1948 e 1952”. *Caderno AEL*. Vol. 7, nº 12/ 13, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASTRO, Silvia Regina Pantoja Serra de. *Amaralismo e pessedismo fluminense: o PSD de Amaral Peixoto*. UFF: Niterói, 1995.

CRUZ, Maria Cecília Velasco e. O porto do Rio de Janeiro no século XIX: Uma realidade de muitas faces. *Revista Tempo*. Niterói: nº 8, agosto de 1999.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DUARTE, Adriano. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra: redemocratização, populismo e desenvolvimentismo no bairro da Mooca, 1942-1973*. Campinas: UNICAMP, 2002. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. Os sentidos da comunidade: notas para um estudo sobre bairros operários e identidade cultural. *Trajetos*. Fortaleza: vol. I, nº 2, 2002;

DUARTE, Adriano e Paulo Fontes. O populismo visto da periferia: Adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953)”. *Cadernos AEL*, Vol. 11, nº 20/21, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) *Hamilton Xavier e Saramago Pinheiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

\_\_\_\_\_. “Niterói Poder”. In: MARTINS, Ismênia de Lima e Knaus, Paulo (Org.). *Cidade Múltipla: temas de História de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 1997.

FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

FORTE, José Mattoso Maia. *Notas para a História de Niterói*. Niterói: INDC/ PMN, 1973.

FORTES, Alexandre. “*Nós do Quarto Distrito*”: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Campinas: UNICAMP, 2001. Tese de Doutorado.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

LOPES, José Sergio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe*. Marco Zero: São Paulo, 1988.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e Sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro, Vício de leitura, 2002.

NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, populismo e história social. *Cadernos AEL*, Vol. 11, nº 20/21, 2004.

OYON, José Luis. Historia urbana y historia obrera: reflexiones sobre la vida obrera y su inscripción em la espacio urbani, 1900-1950. *Perspectivas Urbanas*, nº 2, 2002.

PEREIRA, Ana Paula Rangel. *Barreto: Memória e História de um bairro operário Fluminense (1930-1999)*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2000. Dissertação de mestrado.

PESSANHA, Elina G. da Fontes e MOREL, Regina Lúcia de Moraes. Gerações operárias: rupturas e continuidades na experiência de metalúrgicos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº17. Ano 6. Rio de Janeiro: 1991.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo: nº 10, dez. 1993.

RODRIGUEZ, Hélio Suêvo. *A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro: o resgate da sua memória*. Sociedade de Pesquisa Memória do Trem: Rio de Janeiro, 2004;

SAVAGE, Mike. “Classe e História do Trabalho”. In: BATALHA, Cláudio H. M., SILVA, Fernando Teixeira da, FORTES, Alexandre. *Culturas de classe. – identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: UNICAMP, 2004.

SOARES, Emmanuel de Macedo. *As ruas contam seus nomes*. Niterói: Niterói Livros, 1993.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TINOCO, Brígido. *O Boi e o Padre*. Memórias. Brasília: Gráfica do Senado, 1990.